

Ausência (oni)presente

Enio Starosky¹

Resumo: Este artigo, a partir do ponto de vista teológico cristão, pretende trazer a inquietante questão do sofrimento humano, e descrever como uma das faces do Criador – sua ausência onipresente – acontece em Jó e na vida de muitos em toda a história humana.

Palavras Chave: Livro de Jó; condição humana; ausência de Deus; mistério.

Abstract: This article, from the point of view of Christian Theology, aims to bring the troubling question of human suffering, and describe how one of the Creator sides - the omnipresent absence - happens on Job's and on the lives of many throughout human history.

Keywords: Book of Job; human condition; God: absence and mystery.

É o que a vida me ensinou. Isso que me alegra, montão. E outra coisa: o diabo, é às brutas; mas Deus é traiçoeiro – dá gosto ! A força dele, quando quer – moço ! – me dá o medo pavor! Deus vem vindo: ninguém não vê. Ele faz é na lei do mansinho – assim é o milagre. E Deus ataca bonito, se divertindo, se economiza. A pois: um dia, num curtume, a faquinha minha que eu tinha caiu dentro dum tanque, só caldo de casca de curtir, barbatimão, angico, lá sei. –” Amanhã eu tiro...” – falei comigo. Porque era de noite, luz nenhuma eu não disputava. Ah, então, saiba: no outro dia, cedo, a faca, o ferro dela, estava sendo roído, quase por metade, por aquela agüinha escura, toda quieta. Deixei, para mais ver. Estala, espoleta! Sabe o que foi? Pois, nessa mesma da tarde, aí: da faquinha só achava o cabo... O cabo – por não ser de frio metal, mas de chifre de galheiro. Aí está: Deus... Bem, o senhor ouviu, o que ouviu sabe, o que sabe me entende... (Guimarães Rosa 1976 pp : 20-21)

Frequentemente ante a perplexidade de tragédias – como as do 11 de setembro, tsunamis, furacões, massacres, crimes hediondos etc. – surge o problema da existência do mal: se Deus é o sumo bem, como explicar o mistério do mal (ou da maldade...)? Como Deus permite que inocentes sejam vítimas de crueldades?

Uma simples busca no Google indica meio milhão de sites contendo a pergunta “Where was God?” junto com a expressão “World Trade Center”! Não é de estranhar que muitos deles remetam a um clássico bíblico: o livro de Jó, sempre evocado quando se discute o mistério do sofrimento dos justos.

Isso vale tanto para o sofrimento individual, como para o de nações ou épocas: Jó é o personagem que perpassa os tempos difíceis da Idade Média, já anunciado por Agostinho, quando contempla o saque de Roma pelos bárbaros em 410.

Para os romanos, um caso de impacto comparável ao do atentado ao WTC. Após séculos de perseguição, os cristãos, finalmente, são acolhidos e mais: o Império se torna oficialmente cristão... e pouco depois: Roma, a que fora invicta, é devastada por bárbaros...

A reação do romano Agostinho – e dos romanos em geral – é de perplexidade, que, no bispo de Hipona, dá lugar a uma reflexão sobre a teologia da História: a

¹ Mestrando em Educação da Univ. Metodista de São Paulo. Diretor do Colégio Luterano São Paulo.

grandiosa obra *Sobre a Cidade de Deus*, precedida pelo célebre Sermão *De urbis excidio*, no qual chora por Roma: “Não, irmãos, não nego o que ocorreu em Roma. Coisas horríveis nos são anunciadas: devastação, incêndios, rapinas, mortes e tormentos de homens. É verdade. Ouvimos muitos relatos, gememos e muito choramos por tudo isso, não podemos consolar-nos ante tantas desgraças que se abateram sobre a cidade.” (Agostinho 2009, p. 22)

E, claro, a meditação sobre o livro de Jó; a citação é longa mas digna de reprodução, como uma espécie de paradigma para todos os tempos:

No entanto, meus irmãos (que vossa caridade preste especial atenção às minhas palavras), ouvimos a leitura do santo Jó, que perdeu tudo: os bens e os filhos. E até a própria carne - a única coisa que lhe restava - não lhe ficou sã, mas coberta por uma chaga da cabeça aos pés. Ele sentava-se no esterco, com as feridas podres, sofrendo a corrupção do corpo, cheio de vermes, torturado por tormentos insuportáveis (Jó 2.7). Se nos tivesse sido anunciado que toda a cidade de Roma, vejam bem: a cidade toda, esteve sentada como Jó, sem nada sã, com uma chaga terrível, comida pelos vermes, podre como os mortos, não seria isto mais grave do que aquela guerra?

Penso que é mais tolerável sofrer a espada do que os vermes; jorrar o sangue do que destilar a podridão. Quando vemos um cadáver corrompendo-se, horrorizamo-nos; mas isso é atenuado pelo fato de estar ausente a alma.

Jó, porém, sofreu a corrupção em vida, com a alma presente à dor, a alma atada ao sofrimento, inclinada a blasfemar. E Jó suportou a tribulação e, por isso, elevou-se a uma santidade grande. Não importa o que um homem sofra, mas como ele se comporta no sofrimento. Ó homem, não está em tua mão sofrer ou não sofrer, mas sim se no sofrimento tua vontade se degrada ou se dignifica.

Jó sofreu. Só sua mulher lhe foi deixada e isso não para consolação mas para tentação; não para lhe suavizar os males, mas para aconselhá-lo a blasfemar: "Amaldiçoa a Deus, diz-lhe, e morre!". Vejam como, para ele, morrer seria um benefício, mas esse benefício ninguém lho dava.

Todas as aflições que esse santo sofreu exercitaram-lhe a paciência, provaram-lhe a fé para refutar a mulher e vencer o diabo. Que grande espetáculo! Em meio da infecta podridão, brilha a beleza da virtude. Um inimigo oculto, que corrói seu corpo e uma inimiga manifesta que o quer induzir ao mal, mais companheira do diabo do que de seu marido; ela, uma nova Eva, mas ele, não já um velho Adão. "Amaldiçoa a Deus e morre!". Arranca com a blasfêmia o que não podes obter com tuas preces. "Falaste, responde-lhe Jó, como uma mulher insensata" (Jó 2.10). Reparai bem nas palavras desse forte na fé; desse que está podre por fora, mas íntegro por dentro.

"Falaste como uma mulher insensata. Se recebemos os bens das mãos de Deus, por que não receber os males?". Deus é pai, e acaso havemos de amá-lo só quando nos agrada e rejeitá-lo quando nos corrige? Acaso não é Pai tanto quando nos promete a vida como quando nos disciplina? Esquecemo-nos do Eclesiástico (2.1,4 e 5)? "Filho, quando te aproximas do serviço de Deus, permanece na justiça e no temor, e prepara a tua alma para a provação. Aceita o que vier e suporta a dor, e na tua humilhação guarda a paciência. Porque o ouro e a prata se provam pelo fogo, mas os homens se tornam gratos a Deus pelo

cadinho da humilhação". Esquecemo-nos da Escritura? (Prov 3.12; Hbr 12.6): "Deus repreende aquele a quem ama; e castiga a quem reconhece como filho".

Por acaso a debulhadora que lança ao ar a espiga para que se quebre não é a mesma que faz sair o grão puro? E o fogo que alimenta a fornalha do ourives e purifica o ouro das impurezas, não é o mesmo que consome a palha? Assim também a tribulação de Roma serviu para a purificação ou salvação do justo e para a condenação do ímpio: arrebatado desta vida para, com toda a justiça, sofrer mais penas; ou, permanecendo nesta terra, para tornar-se um blasfemador mais culpável. Ou ainda, pela inefável clemência de Deus, poupando para a penitência aqueles que, por ela, hão de salvar-se. Não nos confunda a tribulação que os justos sofrem; é uma provação, não a condenação." (Agostinho 2009, p. 22-24)

Nessa linha, retomemos hoje o diálogo com Jó.

Por vezes, o modo usual de tratar a humanidade e o mundo é alterado pelo Criador. Jó é um exemplo clássico disso. Ele é uma espécie de herói sofredor com quem nutrimos certa empatia. Sua história representa os sofredores de todos os tempos. Jó fala das suas infelicidades, da sua revolta contra Deus e de suas angústias. Em vários trechos a ênfase é que o ser humano convive com situações incompreensíveis e precisa render-se ao fato de não estar no comando e no controle de tudo e que nem sempre as certezas são os elementos mais importantes para uma vida equilibrada.

No capítulo 30 ele diz:

Já não tenho vontade de viver; o desespero tomou conta de mim. De noite os ossos me doem muito; a dor que me atormenta não para. Deus me agarrou pela garganta com tanta violência, que desarrumou a minha roupa. Ele me atirou na lama; eu não valho mais do que o pó ou a cinza. Ó Deus, eu clamo pedindo a tua ajuda, e não me respondes; eu oro a ti, e não te importas comigo. Tu me tratas com crueldade e me persegues com todo o teu poder. Fazes com que o vento me carregue e numa tempestade violenta me jogas de um lado para outro. Bem sei que me levarás à Terra da Morte, o lugar de encontro marcado para todos os vivos. Por que atacas um homem arruinado, que não pode fazer nada, a não ser pedir piedade? Por acaso, não chorei com as pessoas aflitas? Será que não tive pena dos pobres? Eu esperava a felicidade e veio a desgraça; eu aguardava a luz, e cheguei a escuridão..."²

A história de Jó tem algo que fascina. Porque a história de Jó é também a história de muitos ainda hoje. Parceiros de Jó, muitos continuam fazendo perguntas. Perguntas simples, mas que, diante do incompreensível e misterioso, reverberam no fundo da alma humana: "Ei! Será que tem um final feliz pra mim aí"?

Oramos e parece que Deus não responde; clamamos e ele parece permanecer mudo; imploramos, pedimos como mendigos, elevamos ao céu súplicas e não somos atendidos; não veio resposta, tudo ficou silencioso e as lágrimas continuaram rolando. São os tormentos íntimos que surgem à espera de respostas desde Adão, como esses expressos em forma de grito pelo salmista: "*Acorda, Senhor! Por que estás dormin-*

² Livro de Jó 30. 16-26 – Nova Tradução na Linguagem de Hoje - SBB

*do? Levanta-te. Não nos rejeites para sempre? Por que te escondes de nós? Por que esqueces dos nossos sofrimentos e das nossas aflições?”*³ Será possível dizer algo para iluminar o mistério da ausência, do silêncio, do ocultamento de Deus na vida humana?

De saída é preciso dizer que ninguém pode falar do mistério de Deus sem cair na conta dos próprios limites e sem cair na conta também do próprio mistério. Quando expressamos a antiga máxima socrática "Conhece-te a ti mesmo" (Γνώθι σαυτόν) – que é um desejo que todos têm – esta sempre vem acompanhada da certeza de que até o conhecimento de si mesmo é algo que nunca acabamos de realizar – completada por aquela outra máxima atribuída ao mesmo Sócrates: “Sei que nada sei”.

Ora, se esta constatação já é inevitável em relação a nós mesmos, quanto mais em relação ao conhecimento de Deus!? Portanto, ninguém pode falar do mistério de Deus sem cair na realidade dos próprios limites e sem cair na realidade do próprio mistério. No entanto, o mistério de Deus é dizível, ou seja, respeitados os devidos limites do conhecimento humano, é, sim, possível falar sobre esse Deus misterioso. É respeito ao Criador, pois o ser humano foi criado inferior somente a Ele mesmo, conforme o Salmo 8: “...fizeste o ser humano inferior somente a ti mesmo e lhe deste a glória e a honra de um rei”.⁴ Esta consciência de enxergar a capacidade humana é coerente com toda a Escritura. Deus não sente ciúmes da inteligência humana; pelo contrário, dotou o ser humano de razão e de todos os sentidos e os conserva, fazendo com que a realidade criada seja o que é e possa ser percebida pelo ser humano, rei da sua criação. No Gênesis há uma ordem dada por Deus ao homem: “Governai e sujeitai a terra”, demonstração inequívoca de que, embora com limites específicos de ser criado, o Criador deu ao ser humano um lugar de destaque: a honra e a glória de um rei.

Mesmo que não se torne fenômeno (Deus não se deixa ver – ao menos não do jeito que podemos ver os entes criados), é espantoso como Deus se apresenta na Escritura. Por um lado, Deus se apresenta como misterioso, como escondido (onde não se pode ver), como segredo que não pode ser conhecido nem captado, compreendido ou explicado, por outro ele é um Deus que se revela e é pessoal. Não como uma força do mundo, uma força cósmica, mas como uma pessoa que se manifesta, que diz o que quer, que fala, que é Criador e Senhor do cosmos. O fato de Deus ser misterioso não se opõe a que Deus se revele, nem que se revele como mistério, como aquele que não pode ser possuído nem utilizado, nem tratado como um objeto sujeito à experiência ou problema matemático quantificável. Essa presença, que, ao mesmo tempo, se oculta em mistério e se revela de maneira pessoal, faz com que Jó perceba como um grande mistério. Como “só aos poucos o escuro é [se faz] claro”, no dizer de Guimarães Rosa,⁵ pretendemos apresentar uma resposta a esta questão tão profunda, mas também tão próxima da experiência de cada ser humano – da ausência (oni)presente de Deus –, a partir do ponto de vista teológico cristão com fundamentação em textos bíblicos. Deles, aos poucos, trazer alguma clareza sobre perguntas nada incomuns que sobrevêm até mesmo a quem não sofre tanta pressão na vida como sofreu Jó.

Entender Deus plenamente

Guiado pela mão de Deus, escreveu o profeta Isaías:

Quem mediu a água do mar com as conchas das mãos ou mediu o céu com os dedos? Quem, usando uma vasilha, calculou quanta terra existe

³ Salmo 44, 23 e 24 - Idem

⁴ Salmo 8,5 – Nova Tradução na Linguagem de Hoje - SBB

⁵ ROSA, J. G. Meu tio o Iauaretê. *Estas estórias*. Rio de Janeiro, José Olympio, 1976.

no mundo inteiro ou pesou as montanhas e os morros numa balança? Quem pode conhecer a mente do Senhor? Quem é capaz de lhe dar conselhos? Quem lhe deu lições ou ensinamentos? Quem lhe ensinou a julgar com justiça ou quis fazê-lo aprender mais coisas ou procurou lhe mostrar como ser sábio? Com quem Deus pode ser comparado? Com o que ele se parece?... Será que vocês não sabem? Será que nunca ouviram falar disso? Não lhes contaram há muito tempo como o mundo foi criado? O Criador de todas as coisas é aquele que se senta no seu trono no céu; ele está tão longe da terra, que os seres humanos lhe parecem tão pequenos como formigas.⁶

Também nesse sentido o apóstolo Paulo registrou (provavelmente recitando os textos de Isaías 40 e de Jó 41):

Como são grandes as riquezas de Deus! Como são profundos o seu conhecimento e a sua sabedoria. Quem pode explicar as suas decisões? Quem pode entender seus planos? Como dizem as Escrituras Sagradas: ‘Quem pode conhecer a mente do Senhor? Quem é capaz de lhe dar conselhos? Quem já deu alguma coisa a Deus para receber dele algum pagamento? Pois todas as coisas foram criadas por ele, e tudo existe por meio dele e para ele’.⁷

E ainda no mesmo livro o apóstolo escreveu: “*Mas quem é você, meu amigo, para discutir com Deus? Será que um pote de barro pode perguntar a quem o fez: por que você me fez assim?*”⁸

De fato, Deus é tão grande que não o compreendemos plenamente! Pois...

O estilo de Deus é viver escondido – na obscuridade

No livro do profeta Isaías isso fica bem claro: “*Tu verdadeiramente és um Deus escondido, o Deus de Israel, o Salvador*”.⁹ Este ocultamento é glória para Deus conforme Provérbios: “*Respeitamos a Deus por causa daquilo que ele esconde de nós; e respeitamos as autoridades por causa daquilo que elas nos explicam*”.¹⁰

Quando o templo de Jerusalém foi dedicado, o recinto encheu-se de uma nuvem espessa; foi então que Salomão explicou: “*Ó Senhor Deus, tu resolveste viver entre as nuvens escuras.*”¹¹ É no paradoxo da nuvem escura durante o dia e iluminada durante a noite, como no êxodo dos israelitas, que Deus se revela e ao mesmo tempo se oculta. Ao despertar do sono, depois de ter visto a escada, Jacó exclamou: “*De fato, o Senhor Deus está neste lugar, e eu não sabia disso.*”¹²

Só Deus sabe quantas vezes se repete em nossa vida: Ele estava lá “*e eu não sabia*”. A atividade de Deus, por vezes, está oculta ao homem, porém onipresente. Jó desola-se diante dessa presença oculta que é sentida como ausência: “*Eis que ele passa por mim, e não o vejo. Ele se vai sem que eu o perceba*”¹³. Este é o mais

⁶ Livro de Isaías 40. 12-14. 18-22 – Nova Tradução na Linguagem de Hoje - SBB

⁷ Livro de São Paulo aos Romanos 11.36 – Idem

⁸ Livro de São Paulo aos Romanos 9.20 – Idem

⁹ Livro de Isaías 45. 15 – Tradução da Vulgata – Edições Paulinas, 1982

¹⁰ Livro de Provérbios 25.2 – Nova Tradução na Linguagem de Hoje - SBB

¹¹ Livro de 2º Crônicas 6.1 – Nova Tradução na Linguagem de hoje - SBB

¹² Livro de Gênesis 28.16 – Nova Tradução na Linguagem de Hoje - SBB

¹³ Livro de Jó 9.11 – Nova Tradução na Linguagem de Hoje - SBB

“visível” e “palpável” regime da fé. Deus *“habita uma luz inacessível, o qual nenhum homem viu nem pode ver.”*¹⁴ Quando Moisés desejou ver a face de Deus, recebeu a resposta: *“Não poderás ver a minha face, pois homem algum poderia ver e viver.”*¹⁵ Esse é o estilo de Deus. Sábia é a atitude do homem que, pelo menos, experimenta observar as coisas – particularmente as questões aflitivas e inquietantes da vida – a partir do olhar alheio, nesse caso, a partir do olhar de Deus. Afinal, “aquele que só conhece seu próprio lado da questão, pouco sabe dela”.¹⁶

Ainda incapazes de ver claramente

Colocados sob a cruz, na Sexta-Feira-Santa, os discípulos nada compreenderam. Achavam tudo aquilo um absurdo. Os dois discípulos que, no domingo pascal, iam para Emaús, ilustram bem este fato. Receberam do Senhor ressuscitado - que ocultado andava com eles – um grande “puxão de orelhas” em relação ao “só creio vendo”: *“Como vocês demoram a entender e a crer em tudo o que os profetas disseram.”*¹⁷ À luz da Páscoa tudo ficou claro! Isolada a cruz não tinha sentido, no conjunto, contudo, era absolutamente necessária. Assim também acontece muitas vezes na vida humana. Muitas situações, principalmente as aflitivas, quando Deus parece calar-se, quando dá a impressão de não escutar, quando pensamos que estamos totalmente abandonados, a ponto de gritar, como fez Jesus na cruz: *“Deus meu, Deus meu!”*, justamente então, quando nada entendemos, *pode ser que estejamos vivendo momentos altos e decisivos de nossa vida.* Enquanto no mundo, a cristandade está sujeita ao regime da fé, guiada pelo Criador, sim, mas, por vezes, sem ver nitidamente os seus propósitos. Por entre os altos e baixos, as virtudes e os pecados, as luzes e as sombras, os sorrisos e as lágrimas, Deus conduz os fios da história de cada ser humano. Como Deus consegue conciliar a liberdade humana com a sua ação para realizar exatamente seus planos, sobre isso não somos suficientemente informados. Deus costuma servir-se de meios insignificantes e até “loucas” para realizar seus desígnios. É emblemática a descrição do Apóstolo Paulo:

Deus não deixou que os seres humanos o conhecessem por meio da sabedoria deles. Pelo contrário, resolveu salvar aqueles que creem e fez isso por meio da mensagem que anunciamos, a qual é chamada de “louca”. Os judeus pedem prova, e os não-judeus procuram a sabedoria. Mas nós anunciamos o Cristo crucificado – uma mensagem que para os judeus é ofensa e para os não-judeus é loucura. Mas para aqueles que Deus tem chamado, tanto judeus como não-judeus, Cristo é o poder de Deus e a sabedoria de Deus. Pois aquilo que parece ser a loucura de Deus é mais sábio que a sabedoria humana, e aquilo que parece ser a fraqueza de Deus é mais forte do que a força humana.¹⁸

Uma belíssima descrição dos limites do conhecimento humano. A atitude e a ilusão de que o ser humano tem a possibilidade de ver tudo claramente, de dominar todas as coisas neste imenso universo é duramente golpeada. Fica exposta – parece não haver melhor demonstração que essa – a tolice das vaidades humanas. De uma só vez combate-se tanto o orgulho como o desespero, dois monstros que frequentemente

¹⁴ Primeiro Livro de São Paulo a Timóteo 6.16 – Nova Tradução na Linguagem de Hoje - SBB

¹⁵ Livro de Êxodo 33.20 – Nova Tradução na Linguagem de Hoje - SBB

¹⁶ John Stuart Mill, Da Liberdade, p. 32

¹⁷ Evangelho de Lucas 24.25 – Nova Tradução na Linguagem de Hoje – SBB

¹⁸ Primeira Carta de São Paulo aos Coríntios 1.18-24 – Nova Tradução na Linguagem de Hoje – SBB

assombram a consciência humana e a colocam na encruzilhada: “não preciso de Deus – sou a medida de todas as coisas!” ou “Nada, nem Deus, pode me ajudar!”.

Com razão a sabedoria popular diz que: “o futuro a Deus pertence”. Uma maneira simples de dizer que não há controle absoluto sobre o futuro. Em “Cartas de um diabo a seu aprendiz”, C. S. Lewis diz:

Deus não quer que os homens ofereçam suas almas ao Futuro. O ideal de Deus é o homem que depois de ter trabalhado o dia inteiro pensando na posteridade (se essa for a sua vocação), logo depois esquece completamente o assunto e o deixa ao encargo do Céu, retornando imediatamente ao estado de paciência e gratidão que o presente exige. Nós [os diabos], no entanto queremos um homem atormentado pelo Futuro – assombrado por visões de um céu ou de um inferno iminentes sobre a Terra... e dependente por sua fé no sucesso ou no fracasso de planos cujo objetivo ele não viverá o suficiente para presenciar.¹⁹

Portanto, de Deus sempre se saberá muito mais o que Ele não é do que aquilo que Ele é. Sempre haverá certa ignorância a respeito da sua livre e soberana ação no mundo, cujo desconhecimento poderá causar perplexidade e acionar a pergunta: where was God? Por isso, de Deus não se terá mais do que uma doura ignorância, conforme Santo Agostinho. Por ser mortal (todo homem está sujeito à lei da morte), nenhum ser humano será capaz de conhecer perfeitamente a realidade criada nem o próprio Criador. Assim, prudente ao homem é manter o equilíbrio entre o que sabe e o que não sabe sobre Deus, e mantê-lo como princípio orientador para a vida.

O Deus que simultaneamente se oculta e se revela

Em Cristo acontece a maior revelação de Deus e, ao mesmo tempo, seu maior ocultamento/ausência. O Deus infinito, absolutamente (ab-soluto – solto, livre de tudo e onipotente) eterno aparece como um de nós. Que tem mãe como nós. Que em tudo é igual a nós, menos no pecado (Hebreus 4.15). Em Cristo há – como brilhantemente descreve C. S. Lewis – “um Mestre de Cerimônias invisível em atividade”.²⁰ Esse “invisibilidade” de Deus só pode ser vencida pela fé.

Jó, depois de demorada discussão com Deus, discussão que às vezes culminava em blasfêmias, acabou humilde e respondeu a Deus:

Eu reconheço que para ti nada é impossível e que nenhum dos teus planos pode ser impedido. Tu me perguntaste como me atrevi a pôr em dúvida a tua sabedoria, visto que eu sou tão ignorante. É que falei de coisas que eu não compreendia, coisas que eram maravilhosas demais para mim e que eu não podia entender. Tu me mandaste escutar o que estavas dizendo e responder às tuas perguntas. Antes eu te conhecia só por ouvir falar, mas agora eu te vejo com os meus próprios olhos. Por isso, estou envergonhado de tudo o que disse e me arrependo, sentado aqui no chão, num monte de cinzas.²¹

¹⁹ Cartas de um diabo a seu aprendiz, p. 75 e 76.

²⁰ Os Quatro Amores, p. 125

²¹ Livro de Jó 42. 1-6 – Nova Tradução na Linguagem de Hoje – SBB

Ao mistério da ausência (oni)presente de Deus (aparente silêncio e ocultamento), portanto, por vezes é preciso responder com humilde e respeitoso silêncio. Não um silêncio vazio que necessita abdicar da razão, do sentido da realidade e da livre produção do conhecimento dentro dos seus limites, mas cheio de confiança porque sabe que nada pode separar o justo do amor e do cuidado de Deus, conforme palavra paulina:

Em todas essas coisas (tribulação, angústia, fome, perigo, espada, perseguição...), somos mais que vencedores, por meio daquele que nos amou. Porque eu estou bem certo de que nem morte, nem vida, nem anjos, nem principados, nem coisas do presente, nem do porvir, nem poderes, nem altura nem profundidade, nem qualquer outra criatura poderá separa-nos do amor de Deus.²²

Referências Bibliográficas

AGOSTINHO “A devastação de Roma (De urbis excidio)” in Lauand, João Sérgio (org.) *Temas e Figuras do Pensamento Medieval* São Paulo, CemorocFeusp, 2009, pp. 19-24.

BÍBLIA Sagrada. *Nova Tradução na Linguagem de Hoje*. Barueri: Sociedade Bíblica do Brasil, Ed. 2006.

BÍBLIA Sagrada. *Tradução da Vulgata – Pe. Matos Soares*. Ed. Paulinas, 1982.

GUIMARÃES ROSA, João. *Grande Sertão: Veredas*. Rio de Janeiro: Livraria José Olympio Editora, 1976.

LEONEL, João. *Perguntas sem respostas?* São Paulo: Editora Reflexão, 2009.

KLOPPENBURG, Frei Boaventura. *O Cristão Secularizado*. São Paulo: Ed. Vozes, 1970.

LEWIS, C. S. “Os quatro amores”. 2ª Ed. – São Paulo: Editora Martins Fontes, 2013.

LEWIS, C. S. “Cartas de um diabo a seu aprendiz” – São Paulo: Editora Martins Fontes, 2011.

Recebido para publicação em 17-05-13; aceito em 12-07-13

²² Carta de Paulo aos Romanos 8.37-39 – Tradução da Vulgata. Edições Paulinas, 1982.